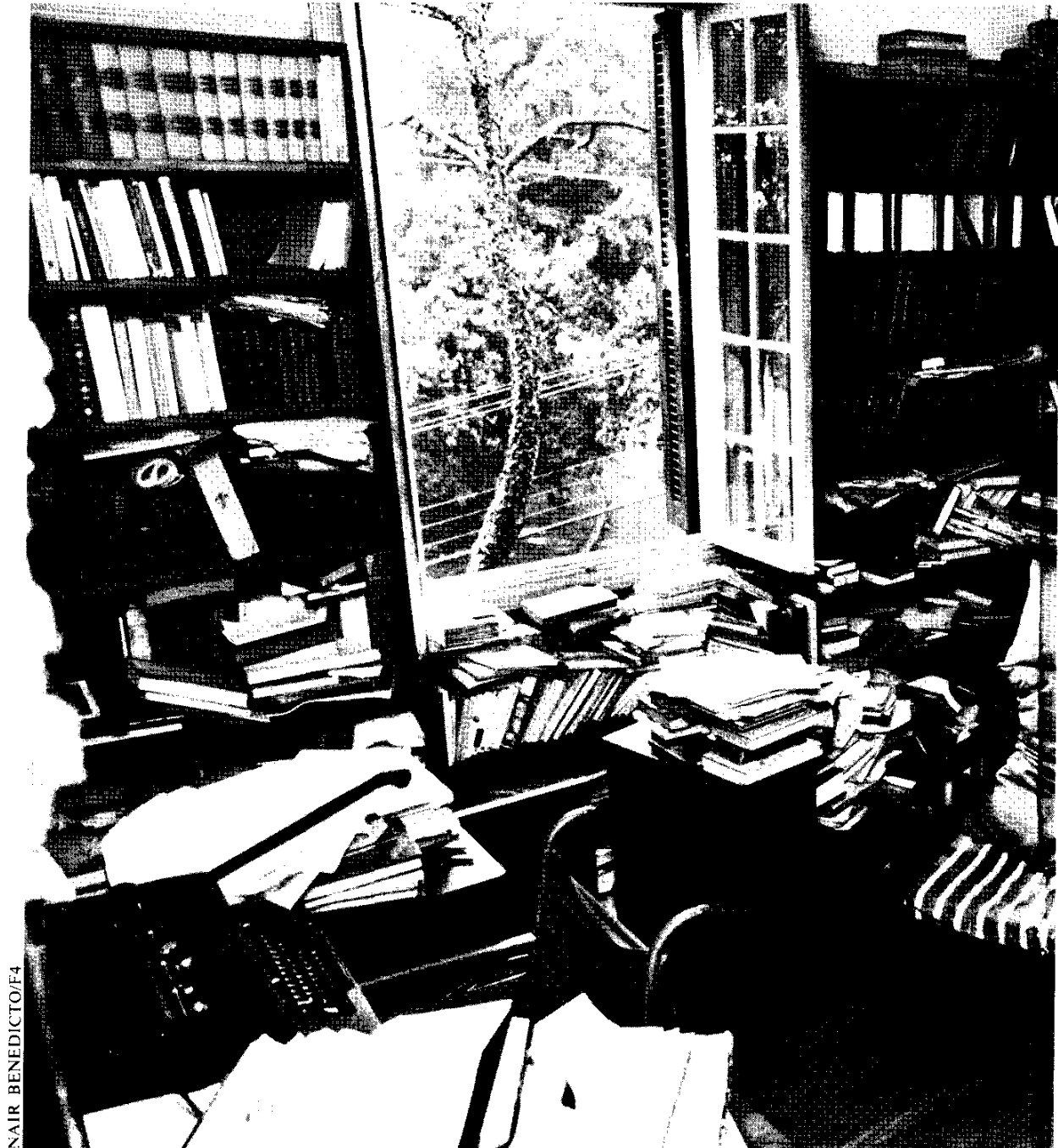


SÉRGIO EM BERLIM E DEPOIS

ANTONIO CANDIDO



NAIR BENEDICTO/F4

Em junho de 1929, Sérgio Buarque de Holanda foi para a Europa a serviço d'*O Jornal* (do Rio de Janeiro), com o encargo de fazer reportagens sobre a situação em três países: Alemanha, Polônia e Rússia. Mas acabou ficando em Berlim até dezembro de 1930, com uma curta visita à Polônia. Esse ano e meio foi tão importante na sua vida intelectual que muitos pensam que ficou mais tempo.

Chegado a Berlim, foi diversas vezes à

Embaixada Soviética saber quais eram as providências e formalidades para seguir viagem; mas ou o funcionário não estava ou o expediente tinha acabado antes da hora ou quem estava não sabia informar. Alguém o aconselhou então a procurar o famoso deputado comunista Willi Münzenberg, que o recebeu com muita cordialidade, comentou que a burocracia soviética tinha ficado pior que a czarista e prometeu ajuda. Dali a dois



O escritório de Sérgio Buarque exatamente como o historiador o deixou depois de nele trabalhar até os seus últimos dias

dias, com efeito, convidou-o para jantar e lhe deu o endereço em Moscou de um brasileiro chamado Américo Ledo, a quem deveria escrever pura a orientação de que precisava.

Sérgio residia na zona mais agradável da cidade, numa esquina de Uhlandsstrasse com a Kurfürstendamm, avenida bonita e espaçosa apelidada de a "Champs Elysées berlinense". Depois mudou para outro apartamento na mesma rua, pouco adiante, em cima do Uhlandeck, que era o que se chamava um *cabaret*. Virando a esquina, ia facilmente ao Consulado do Brasil, na Kurfürstendamm, não sem antes passar pelo da Guatemala e seu alegre braço de armas, com o pássaro encarapitado na folha de papel onde havia uns dizeres sobre liberdade. Passava também pelo teatro de Erwin Piscator e o café Illibrich, cuja orquestra americanizada tocava a miúdo o *one-step* "Allelujah", muito regado a saxofone, além de tangos argentinos em ritmo mais enérgico do que o normal. Inclusive *Adiós muchachos, compañeros de mi vida. Farras queridas, de aquellos tiempos*, que em alemão virou o seguinte:

Zwei rote Lippen und ein glässchen Tarragona, Das ist das beste aus Barzelona.

No Consulado Sérgio recebeu em tempo hábil a resposta de Américo Ledo, mas foi ficando, inclusive com medo do terrível inverno moscovita. E do Consulado recebeu na véspera do Natal de 1929 um recado para ir lá encontrar o sr. Duarte Silva. Foi e este se identificou: era Américo Ledo. Mas na verdade se chamava Astrogildo Pereira, ou melhor. Astrogildo Pereira Duarte Silva . . . Convidou-o para a ceia no seu apartamento, e ali nasceu uma boa amizade para toda a vida.

Astrogildo falava da União Soviética com o maior entusiasmo, que entretanto não logrou quebrar o temor do frio nem, sobretudo, o apego já formado por Berlim. Uma coisa que espantou Sérgio foi, a uma pergunta sua a respeito do agasalho necessário para enfrentar aquelas latitudes, Astrogildo informar que passara lá muito bem dois invernos com a capa de gabardine que trazia no momento, insuficiente até para a temperatura bem mais amena de Berlim.

Sérgio trabalhava numa publicação bilingüe destinada a tornar o Brasil mais conhecido pelos alemães, mas também noutras tarefas, como a de traduzir para o português as legendas de filmes da UFA. Entre estes houve um musical representando soldados húngaros do famoso Regimento Honved, com uma canção cuja letra era assim:

Bin kein Hauptmann, bin kein grosses Tier,

Sonderm ein ungarischer Honved Musketier. Trotzdem sagt das Maedel meiner Wahl In der Liebe bin ich mehr Wert als ein General. Es gibt doch etwas dass ein grosser Offizier Halb so gut weiss wie seiner letzter Musketier, In der Liebe geht's so d'rauf und d'ran! Ha-tcha-tcha! und kommt auf and're Dinge an . . .

A tradução, digna das de Artur Azevedo, foi feita em metros ímpares saltitantes, com um desafogado anacoluto no verso 8º e, no 10º, um jogo de palavras bem nacional:

*Não sou capitão nem brigadeiro,
Sou um pobre diabo
Que mal dá pra mosqueteiro;
Mas uma garota sem rival
Diz que quando eu amo
Sou bem mais que um general.
Há uma certa coisa
Que um soldado de quartel
Tem mais competência
Do que qualquer coronel;
Beijos, beijos, só para nós dois!
Ha-tcha-tcha! e o resto vem depois. . .*

A certa altura entrevistou Thomas Mann, a quem disse haver algo de brasileiro no seu tipo físico. Isto parece não ter agradado Frau Mann, pois ela observou meio formalizada que quem tinha ar de brasileiro era o cunhado Heinrich. De um romance deste extraiu-se naquele tempo a famosa fita *Anjo Azul*, dirigida por Von Sternberg, que consagrou Marlene Dietrich e cujos diálogos foram traduzidos por Sérgio.

O escritor alemão que conheceu melhor, a ponto de estabelecer camaradagem, foi Theodor Däubler, curioso andarilho e boêmio nascido na Itália, ligado ao Expressionismo, de que é considerado um dos precursores, e que se qualificava como centelha de liberdade in-fensa ao equilíbrio:

*Ich selber bin ein Freiheitsfunken,
Das Gleichgewicht ertrag ich nicht.*

Quando chegou a Berlim, Sérgio tinha encontrado lá Mário Pedrosa, cujo destino era a União Soviética; mas adoeceu, precisou adiar a viagem e acabou não indo, porque nesse intervalo chegou ao ponto crítico a luta Stalin-Trotsky, e, como ficara do lado deste, seria loucura prosseguir. Mário costumava dizer que sem essa doença providencial teria certamente ido parar na Sibéria.

Sérgio era simpático à esquerda e pôde observar com mirada crítica o crescimento da maré nazista. Viu caminhões cheios de hitleristas ululantes passarem para Deus sabe que brutalidades: certo dia viu um bando deles espancar de maneira covarde um rapaz judeu, que saiu sangrando. Em 15 de setembro de 1930 testemunhou o primeiro sinal de uma possível chegada dos nazistas ao poder: o pulo eleitoral que os fez passar de 12

para 107 cadeiras, sobre as 573 do Parlamento. Nessa dia, comentando o fato, Harry Kessler registrava no seu diário:

O Nacional-Socialismo é um delírio da baixa classe média alemã. Mas o veneno desta doença pode arruinar a Alemanha e a Europa nos decênios futuros.

A esse tempo Sérgio já estava mais que mergulhado numa experiência intelectual renovadora, nutrindo-se em profundidade da cultura alemã, que até então lhe era menos familiar. A capacidade de concentração mental só se comparava nele ao poder da penetração analítica e à amplitude dos interesses. Por isso desde muito moço aproveitou ao máximo as leituras e acumulou um saber que espantava os amigos. Sobretudo porque a sua curiosidade era dirigida igualmente ao passado e ao presente, à inovação e à tradição, com o dom contraditório de se apaixonar tanto pela minúcia quanto pelo conjunto.

No mesmo momento em que lia o *Ulysses*, de James Joyce (talvez no primeiro exemplar chegado ao Brasil, com a capa azul da Shakespeare and Company, trazido por Paulo Pedro), ou em que escrevia sobre versos de Eliot recém-publicados em *Criterion*, podia estar estudando Plotino e os Padres da Igreja. Por isso a estada em Berlim foi uma oportunidade para abrir ao seu conhecimento um campo novo – o "domínio alemão" (como diria Valéry Larbaud), que ele incorporou sofregamente aos seus territórios. Lá seguiu sem muita regularidade alguns cursos, inclusive de Meinecke. Leu Sombart, Toennies, Alfred e Max Weber; familiarizou-se com os historiadores da arte; mergulhou na obra de Rilke, de Stefan George e dos discípulos deste, como Gundolf e Bertram; pela vida afora continuou lendo Goethe nos setenta ou oitenta volumes da obra completa. E, no meio disso tudo, imaginou um livro de interpretação da sua terra. Tinha vinte e oito anos, e *Raízes do Brasil* começava a germinar.

De todos os livros de Sérgio, *Raízes do Brasil* é o único do qual se pode dizer que é meio "alemão", contrastando com os estudos históricos seguintes: *Monções* (1945) e *Caminhos e Fronteiras* (1957). Estes foram concebidos e executados em fase posterior ao seu magistério na Universidade do Distrito Federal (1936/1939), onde foi a princípio assistente de Henri Hauser (contratado na França) e se iniciou sob a orientação deste nas técnicas da pesquisa sistemática, transpondo para a investigação documentária o gosto que sempre teve pela erudição. Associada aos seus conhecimentos antropológicos, esta atividade o levou ao interesse pela cultura material, de que brotaram aqueles livros notáveis.

Nunca se tinha visto no Brasil uma corrente hermenêutica de tanta intensidade ligar o esclarecimento das relações sociais à aparente insignificância do gesto, do instrumento, do artefato. Depois viria uma outra fase: a de *Visão do Paraíso* (1959) e *Do Império à República* (1972), onde análise e síntese se combinaram para gerar as suas obras mais poderosas. Disso tudo *Raízes do Brasil* é o prelúdio, apesar do seu tom de ensaio interpretativo e a sua técnica de generalização por meio de "tipos", ao gosto de alguns alemães que ele estudou a partir da estada berlinense.

Esse gosto se caracteriza, antes de mais nada, por certa confiança na intuição, que permite voar além do saber acumulado e estabelecer a "empatia", a identificação simpática e indefinível com o objeto de estudo, seja texto, personagem ou cultura. Os alemães, que criaram a moderna erudição universitária, sobretudo através da filologia, valorizaram também esses estudos arrojados que fundem as particularidades e transfiguram as contradições do real por meio da "visão". O entendimento que resulta é global e se pretende exemplar. Para atingi-lo, o autor, por mais minuciosamente informado e documentado que esteja, não hesita em dar saltos qualitativos quase mortais, como os de Spitzer, quando extrapola a partir do traço de estilo, ou os de Simmel, quando define tipos sociais ambíguos: o pobre, o estrangeiro, o nobre. O conhecimento obtido assim é ao mesmo tempo afastado do dado empírico e incrivelmente revelador, porque permite ver num nível onde a "compreensão" é forma quase misteriosa de penetrar no objeto estudado. Além de outros, o defeito fundamental deste método é que só quem tem genialidade pode usá-lo bem.

Nos seus "tipos ideais", Max Weber guardou algo desta atitude mental, associando-a, porém, a um intuito de racionalidade e a um rigor de procedimento que lhe permitiram construir uma das obras mais sólidas e inspiradoras do seu tempo. Mas quantos outros partiram dela para chegar à fantasia mais arbitrária e, dado o contexto histórico, perigosa. Lembremos a "morfologia das culturas", a dualidade "sangue e terra", a psicologia diferencial das raças, o apelo as "forças obscuras".

Sérgio respirou nesse ambiente e conheceu alguns dos seus aspectos negativos, inclusive a duvidosa caracteriologia de Ludwig Klages. Mas a retidão do seu espírito, a jovem cultura já sólida e os instintos políticos corretamente orientados levaram-no a algo surpreendente: desse caldo cultural que podia ir de conservador a reacionário, e de místico a

apocalíptico, tirou elementos para uma fórmula pessoal de interpretação progressista do seu país, combinando de maneira exemplar a interpretação desmistificadora do passado com o senso democrático do presente. A "empatia", o entendimento global que descarta o pormenor vivo, a "visão orgânica", a confiança em certa mística dos "tipos", tudo isso foi despojado por ele de qualquer traço de irracionalidade, moído pela sua maneira peculiar, e desaguou numa interpretação aberta, extremamente crítica e radical.

O livro não corresponde ao que tinha imaginado na Alemanha e nunca chegou a escrever tal e qual, porque na vida é assim mesmo. Nos anos 30, de volta ao Rio, foi desenvolvendo as idéias lendo, reunindo materiais, e acabou por publicar em separado alguns artigos mais tarde incorporados ao livro. Essa gênese, se prejudicou um pouco a unidade e o equilíbrio das partes, foi positiva na medida em que acentuou o cunho de ensaio e assim dissolveu o lastro erudito, dando a *Raízes do Brasil* o encanto e a acessibilidade que garantiram a sua difusão e o seu êxito. E ainda porque, num momento em que os estudos históricos e sociológicos iam entrar na sua primeira fase de sistematização universitária no Brasil, com uma tendência acentuada, a partir dos anos 40, para a descrição, o levantamento de dados, o enfoque delimitado, num momento semelhante o livro de Sérgio funcionou como enquadramento, moldura interpretativa bastante ligada às visões genéricas para pôr os dados no lugar e interpretar o seu significado.

O público captou imediatamente certas "globalizações" à maneira alemã que ficaram famosas: "aventura" e "rotina", "semeador" e "ladrilhador", por exemplo; e que até foram treslidas, como "cordialidade". Mas outras contribuições importantes ficaram relativamente na sombra, como as de cunho mais político do capítulo final.

Fascinados pela brilhante análise tipológica dos capítulos precedentes, os leitores nem sempre perceberam direito uma singularidade do livro: era o único "retrato do Brasil" que terminava de maneira premeditada por uma posição política radical em face do presente. De fato, o livro é ao mesmo tempo uma análise do passado (que pegou mais) e uma proposta revolucionária de transformação do presente (que pegou menos). Ora, a articulação de ambos os momentos é essencial e constitui a motivação de toda a obra: o desfecho, solidamente plantado nas proposições anteriores, tinha por isso mesmo uma validade que ainda permanece, ao contrário da maior

parte dos numerosos ensaios político-sociais daquele tempo, que o vento levou. Os de direita, porque representavam um agravamento dos traços individualistas e oligárquicos do passado brasileiro, que Sérgio denunciava. Os de esquerda, porque eram uma repetição mecânica e ritualizada do marxismo oficial. (Só mais tarde Caio Prado Júnior começaria a usar com espírito aberto o método marxista para interpretar de maneira original as condições locais.)

O ponto de vista de Sérgio reinava contra a maré interpretativa do momento e representava uma posição democrático-popular, como resulta claro da análise de suas idéias sob este aspecto. A importância delas só pode ser avaliada, do ponto de vista histórico, se as situarmos no contexto dos anos 30 e 40: do ponto de vista estrutural, quando pensamos que representam uma conclusão, ou, como ficou dito, um "desfecho", com todo o peso da análise do passado valendo como justificativa e chancela.

Uma dessas idéias é a ducha fria no fascínio nela tradição luso-brasileira como pedra de toque sempre evocada não apenas para interpretar e avaliar a história da nossa sociedade, mas para traçar a sua linha de desenvolvimento futuro. Outra idéia, em parte dependente da anterior, é a desqualificação das classes dominantes de origem rural, cujo prestígio nostálgico ainda alimentava uma ideologia confortadora no brasileiro médio, acostumado inclusive a extrair daí uma visão completamente deformada das relações de trabalho, segundo a qual o escravo, o agregado, o trabalhador livre apareciam como parceiros de um pacto de tipo familiar bastante idealizado.

Com base nessas duas retificações, uma terceira: Sérgio efetuou verdadeira redefinição das funções do historiador ao deixar claro que o conhecimento do passado deve servir para facilitar a liquidação das sobrevivências, e não para gabá-las nem para justificar a sua manutenção. O seu ponto de vista era o próprio avesso da historiografia nacionalista (no sentido conservador e patrioteiro de então). Mesmo sem o racismo aristocrático de Oliveira Viana (ou de outros menores, como Elísio de Carvalho), havia nos textos e na sensibilidade média certo desvanecimento com o passado, que *Raízes do Brasil* procurava desmontar de maneira penetrante e irreverente.

A esta se articulam duas outras idéias. Uma, o perigo de persistência naqueles dias do tipo de autoritarismo denunciado em nossa evolução histórica. Autoritarismo que assegurava a sobrevivência de classes dominantes em declínio, mas te- nazmente agarradas ao poder e procu-

rando transferir a sua substância para as formas novas que este assumia. A outra idéia se refere à única solução que Sérgio considerou certa; o advento das camadas populares à liderança. Esta posição era quase única entre os intelectuais, num momento em que predominava, mesmo entre os melhores, a concepção de progresso pela iniciativa de elites abertas e esclarecidas.

No conjunto, estas idéias eram uma indicação preciosa sobre o modo possível de realizar no Brasil uma reflexão democrática não-convencional, baseada em afirmações concretas sobre a transferência de liderança para esse tão falado "povo", que os estudiosos viam em geral como abstração, referência convencional ou categoria meio mística.

Lendo os ensaístas, observa-se que a descendência dos escravos de Joaquim Nabuco, do "sertanejo fone" de Euclides da Cunha, da "plebe rural" de Oliveira Viana, dos mestiços valorizados por Gilberto Freyre, do proletário-demanifesto dos intelectuais de esquerda acabava sem função definida no processo histórico presente. Não lembro de outro, além de Sérgio, que nos anos 30 haja superado aquelas categorias fechadas e atribuído ao povo, concretamente assumido na sua realidade, o papel de substituir as lideranças da sociedade.

Quem extrai conclusões desta natureza da história de seu país é porque tem uma consciência democrática avançada, como era e sempre foi o caso de Sérgio. Embora nunca tenha sido político, ele assumiu como intelectual as boas posições políticas e nunca trepidou em arrotar as conseqüências das suas idéias. Em 1932, por exemplo, morando no Rio, tomou abertamente o lado da Revolução Constitucionalista contra o governo de exceção e foi preso. Durante o Estado Novo fez parte de grupos oposicionistas, participando ativamente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), da qual foi um dos fundadores em 1942 e presidente em 1945. Mudando para São Paulo, em 1946, presidiu também a seção paulista.

Como se sabe, essa entidade foi um centro de luta contra a ditadura de então, culminada pelo 1º Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo no mês de janeiro de 1945, do qual Sérgio fez parte na primeira linha e cuja declaração de princípios foi uma das primeiras manifestações públicas contra o regime. Pouco depois integrava o grupo fundador da Esquerda Democrática, ideada por Domingos Velasco, João Mangabeira, Hermes Lima e outros. Em 1947 ela se transformou em Partido Socialista Brasileiro, nome que exprimia mais claramente o seu projeto político.

Sérgio, já em São Paulo, continuou nele até a extinção, em 1965. Inclusive candidatando-se por determinação partidária a um cargo legislativo, o que ocorreu com outros intelectuais, como Sérgio Milliel, Luís Martins e eu. A finalidade era completar a chapa e carrear votos para a legenda. Nós sabíamos que não tínhamos (nem desejávamos) a menor chance de sermos eleitos, e apenas formamos disciplinadamente com os companheiros que também não o foram. Isto posto, é incorreto dizer, como um jornal de São Paulo e outros do Rio, que Sérgio foi "fragorosamente derrotado", expressão que pode dar uma imagem distorcida dos fatos, se der a idéia de alguém empenhado na luta com desejo de vencer, mas acabando frustrado no intento.

A partir do golpe militar de 1964, ele exprimiu de vários modos a sua oposição ao regime, como, por exemplo, pela decisão de se aposentar no ano de 1969, em solidariedade aos colegas da Universidade de São Paulo afastados arbitrariamente. O seu nome ou a sua presença estiveram sempre nas manifestações possíveis de protesto; e no tempo cruel do governo Médici aglutinou a certa altura um dos primeiros movimentos de resistência nos meios culturais. Refiro-me ao manifesto de apoio ao grande parlamentar que foi Oscar Pedrosa Horta em sua desassombrada luta oposicionista no congresso. Sérgio não apenas redigiu o documento, mas obteve as assinaturas de um ponderável grupo de intelectuais, que deste modo puderam externar publicamente a sua posição de protesto, furando a barreira de censura quase total daquela quadra.

Embora já meio tolhido por problemas de saúde, participou pela assinatura ou a presença da maioria dos movimentos e documentos que foram forçando a "abertura" a partir de 1975, além de militar no Centro Brasil Democrático, que ajudou a fundar em 1978 e do qual foi vice-presidente. Afinal, em 1980 se integrou no processo de constituição do Partido dos Trabalhadores e foi seu membro fundador. No encontro nacional preparatório, lá estava ele apoiado à bengala, recebendo com Mário Pedrosa, Apolônio de Carvalho e Manoel da Conceição uma apoteose de aplausos, devidos aos que exprimem, cada um a seu modo, a coerência, a continuidade e a diversidade dos esforços, necessários para aquele tipo de luta que começava.

Simbolicamente, era como se houvesse uma ligação profunda entre a aclamação de agora e aquele texto de 1936, segundo o qual só a transferência de poder às camadas espoliadas e oprimidas poderia quebrar o velho Brasil da iniquidade oligárquica.